

# O POSSÍVEL FUTURO IMPOSSÍVEL: COMO A *NOVA ORDEM* TRAZ O BOLSONARISMO

THE POSSIBLE FUTURE IMPOSSIBLE: HOW A *NOVA ORDEM* TREATS  
BOLSONARISM

---

Sergio Schargel<sup>1</sup>

KUCINSKI, Bernardo. *A nova ordem*. São Paulo: Alameda, 2019.

“*Afinal, não somos desumanos*” (KUCINSKI, 2019, p. 129).

Há uma relação intrínseca entre distopias e o momento histórico. Como sugere Jill Lepore (2017), poucos formatos literários são tão influenciados pela ideologia quanto a distopia, assim como poucos são tão políticos. E os exemplos são clássicos. *Nós*, de Evgeni Zamiátin, surge como crítica ao stalinismo. Igualmente acontece com *1984*, enquanto *Admirável mundo novo* absorve a violência e desumanização da Primeira Guerra. No caso, a distopia tem sido historicamente *locus* de crítica do autor à ideologia oposta a sua. A ficção é apropriada como método em que ideologias opostas são transformadas nos maiores pesadelos possíveis.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Brasil. Mestre em Literatura, cultura e contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Brasil. Doutorando em Ciência Política na Universidade Federal - Brasil. Doutorando em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil. Doutorando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo - Brasil. Bolsista Capes. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>. E-mail: [sergioschargel\\_maia@hotmail.com](mailto:sergioschargel_maia@hotmail.com).

Não poderia ser muito diferente no Brasil. O Bolsonarismo, um fenômeno plural, complexo, que mobiliza setores amplos e heterogêneos da sociedade em uma união desconfortável, chocou parte dos analistas políticos com a eleição de seu Messias em um país que outrora era considerado uma das democracias mais estáveis do continente. Naturalmente, um fenômeno desta magnitude e forma, mobiliza questionamentos e interesses na tentativa de compreendê-lo. Surgem aos montes livros das mais diversas áreas das ciências humanas e sociais, ampliando o subgênero recente de crise da democracia. Mas esse reflexo não é sentido apenas em obras teóricas. O imaginário sobre o Bolsonarismo também acaba absorvido pela ficção, e surgem obras como *Essa gente*, de Chico Buarque, *Teocrasília*, de Dênis Mello e *A nova ordem*, de Bernardo Kucinski.

Kucinski, professor aposentado de Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) e ex-assessor de Comunicação do governo Lula, revelou em entrevista que, mais do que uma tentativa de representar o Bolsonarismo, *A nova ordem* foi um sinal dos tempos (SCHARGEL; UCHOA, 2021). Ela existiria sob outra forma, sob outro título, com ou sem o Bolsonarismo. O Bolsonarismo é um sintoma, não uma causa, que revela problemas muito mais profundos de um processo de degeneração democrática e uma cultura política autoritária secular. Kucinski percebeu isso, e imaginou, em seu livro, o que seria um possível totalitarismo brasileiro misturando a Ditadura Militar com o Nazismo. Diz ele que as semelhanças com o Bolsonarismo são mais coincidência — o que, por si só, não deixa de ser revelador — do que uma tentativa consciente (SCHARGEL; UCHOA, 2021).

Escritor tardio, Kucinski entrou na literatura apenas na década passada. Como diz, através de uma febre de escrever (SCHARGEL; UCHOA, 2021). Ainda que heterogênea, sua obra é predominantemente política. E não uma política em sentido *lato*, como secundária ou paralela, mas a política como força motriz do enredo. Aparece como interseção em quase todos os livros a preocupação

com a Ditadura Militar, seus efeitos e, no caso específico de *A nova ordem*, o seu ressurgimento. Igualmente, sempre trafega nos limites tênues entre o nosso real e o real paralelo criado pela arte. Em *K*, seu primeiro livro, apresenta uma busca desesperada de seu pai por sua irmã, desaparecida na Ditadura. No seguinte, *Os visitantes*, traz visitantes invadindo sua casa, majoritariamente amigos, familiares e colegas, em busca de justificativas e respostas sobre o que entendem ter sido uma deturpação do real em prol da arte no livro anterior. Ou, como diz uma frase sua em *K*, que poderia servir para resumir toda a sua obra: “tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu” (KUCINSKI, 2016a, p. 11).

Kucinski contou, na mesma entrevista, que *A nova ordem* foi escrita originalmente através de contos e não tinha a intenção de se tornar um romance em primeiro momento (SCHARGEL; UCHOA, 2021). O que se confirma, ao se ler o livro, distribuído através de histórias curtas não necessariamente interligadas entre si. A história de abertura, sobre uma infame *Operação Cátedra*, já deixa claro o tom: pesquisadores, cientistas e acadêmicos em geral são massacrados. De resto, o romance segue dois personagens principais, um perpetrador e uma vítima, e como eles lidam com as pressões desse regime. Duas figuras ridículas, cada qual a seu modo. Um militar e psicanalista completamente obcecado com a ideia de controle mental, e um ex-engenheiro que vive em transe, vagando pelas ruas e catando lixo. O ponto de ligação entre o perpetrador e a vítima é a esposa do militar e irmã do catador de lixo, Marilda.

*A nova ordem* traz algumas das questões clássicas apontadas por Hannah Arendt em *As origens do totalitarismo*. Se em um regime total, todos são virtualmente inimigos, o livro de Kucinski eleva isso a seu maior grau. O grupo desumanizado recebe a nomenclatura de utopista, e, no imaginário da cúpula do poder, é onipresente e onipotente. Estão por toda a parte, mesmo sem estar em parte alguma. Se a paranoia e a tentativa de absoluto controle foi, em parte, a causa do colapso de totalitarismos do real, como o Stalinismo e o Nazismo, na

ficção ocorre semelhante: o excesso termina por indicar, ao final, que o regime está começando a colapsar.

Dois pontos em particular absorvem questões discutidas por Arendt em sua obra. O primeiro corrobora sua afirmação de que o totalitarismo como regime, dado seu fascínio pela mortandade em massa, tende a se legitimar e se espalhar em nações com grandes populações, como a Rússia e a Alemanha (ARENDR, 1978, p. 35). Em outras palavras, ele precisa de grandes massas a qual pode abater, sem prejuízo à economia da nação. Assim, em *A nova ordem* a alta cúpula do poder decide que é preciso reduzir a população brasileira para cerca de 30 milhões de pessoas (KUCINSKI, 2019, p. 126). Em outro ponto, talvez ainda mais importante, a tentativa patética e obcecada pelo controle mental (KUCINSKI, 2019, p. 150). O totalitarismo possui um desejo, em seu próprio âmago, de que seja possível, de alguma forma, controlar mentalmente as pessoas. Tradicionalmente, isso se impõe por um terrorismo de Estado em seu sentido mais literal. Em *A nova ordem*, porém, se assume aspectos mais literais: é obtido um *chip* que torna toda a população dócil e apática.

Outro ponto que é preciso destacar na obra de Kucinski é o humor. Melhor, a conversa e a fronteira frágil entre humor e horror. Há espaço, na prosa rápida e recheada por diálogos, para um humor seco, sarcástico e cruel. O autor não hesita, por exemplo, em satirizar a vaidade acadêmica logo na abertura; quando acadêmicos são aglomerados em vistas de sua aniquilação, um se mostra, ainda assim, feliz por constar na lista “dos mais importantes cientistas do país” (KUCINSKI, 2019, p. 09). Igualmente, a posição estoica e impassível dos acadêmicos prestes ao fuzilamento, imprime um humor que beira o surrealismo – por mais que alguns simplesmente se neguem a aceitar a verdade, ironicamente dizendo “Ainda bem que não tem nenhum psicopata como o Stalin” (KUCINSKI, 2019, p. 15).

Para dar um aspecto mais “técnico”, e passar verossimilhança, o autor permeia o livro com notas de rodapé contendo éditos, decretos e leis instituídos pelo regime. Estes são essenciais não apenas por fomentar o cenário e o contexto da ascensão da Nova Ordem, mas também por entender o seu nível de destruição. Praticamente toda instituição de salvaguarda democrática ou nacional-desenvolvimentista – IBGE, BNDES, entre tantas outras – acabam extintas. O mesmo destino recebe instituições como CAPES, CNPq e equivalentes promotoras da arte, ciência, cultura e tecnologia. Não há espaço, como o autor diz, para o pensamento crítico na Nova Ordem. E essas instituições apenas fomentavam o pensamento “utopista”; um termo revelador que deixa claro que, em uma terra planejada, qualquer pensamento é utópico.

Mais do que apenas o controle, a Nova Ordem deseja aniquilar os sonhos. Almeja, na prática, retirar do homem o que há de mais humano: a capacidade de imaginar outros cenários, mesmo sob a maior das adversidades. Pois, retirado o sonho, o homem se faz menos homem, é bestializado. Esses são os utopistas: aqueles que ainda são capazes de sonhar, de lembrar, por mais apáticos que a realidade os tenha tornado. Mais eficiente do que o controle pelo terror, apenas o controle pela ausência completa de alternativas. Como, na prática, o “utopista” pode ser virtualmente qualquer um, todos são inimigos e conspiradores em potencial<sup>2</sup>. E nesse ponto Kucinski captura com destreza um traço clássico de fascismos da realidade: a paranoia conspiracionista de que todos fora da seita são potenciais inimigos. Naturalmente, os inimigos não precisam sequer existir, e em larga medida são imagens potencialmente contraditórias como o espantalho de comunistas bilionários não falha em exemplificar. É a obsessão com a loucura, com a subversão, que termina ironicamente por levar o cientista à própria loucura; de tão obcecado com a ideia de entender e controlar os utopistas, Ariovaldo, o militar psicanalista, termina por colapsar. Aquele que

---

<sup>2</sup> Claro que apenas os “utopistas” de famílias empobrecidas são aniquilados. Os de famílias abastadas são reeducados (KUCINSKI, 2019, p. 68).

queria apreender os sonhos dos outros acaba, ironicamente, preso em seus sonhos.

Por mais que Kucinski diga que sua obra não queria emular o Bolsonarismo, o fato é que muitos dos traços se apresentam. A despeito de coincidência ou não, isso evidencia que, na prática, o Bolsonarismo é um sintoma de um bacilo secular de cultura autoritária e militarista no Brasil. A Nova Ordem é um imaginário do que poderia ter sido, caso tivesse se tornado totalitário, a Ditadura Militar brasileira. E, sendo o Bolsonarismo herdeiro da Ditadura, é essencial retornar a esse passado — assim como a outros, como o Integralismo e o Fascismo — para compreendê-lo. Nesse sentido, com méritos estéticos e narrativos, a ficção de Kucinski realiza com sucesso esta pretensão. Através de uma narrativa veloz, explícita, em que tudo é dado ao leitor, com uma terceira pessoa que fornece amplo panorama do cenário totalitário, o autor lança questões, que mais do que nunca, se tornam pertinentes. Pois a Nova Ordem já existe, apenas não no grau e intensidade da ficção. Mas é isso que a distopia sempre lembra, através de propositais exageros: o futuro impossível é, na verdade, possível.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo: totalitarismo, o paroxismo do poder*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1978.

BUARQUE, Chico. *Essa gente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. *A nova ordem*. São Paulo: Alameda, 2019.

KUCINSKI, Bernardo. *K*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KUCINSKI, Bernardo. *Os visitantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LEPORE, Jill. A golden age for dystopian fiction. *The New Yorker*, New York, 05 jun. 2017. Disponível em:

<https://www.newyorker.com/magazine/2017/06/05/a-golden-age-for-dystopian-fiction>. Acesso em: 07 fev. 2022.

MELLO, Dênis. *Teocrasília*. Rio de Janeiro: CJT Comunicação e Tecnologia, 2018.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHARGEL, Sergio; UCHOA, Camila W. Ecos de um totalitarismo brasileiro: entrevista com Bernardo Kucinski. *Moara*, n. 59, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/11747/8138>.

Acesso em: 07 fev. 2022.

ZAMIÁTIN, Evgueni. *Nós*. São Paulo: Aleph, 2017.

Recebido em 11/02/2022.

Aceito em 24/05/2022.